



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Tanise Ferreira de Oliveira

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

UFSM/CE

Santa Maria, RS, Brasil

2005



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

por

Tanise Ferreira de Oliveira

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do Grau de **Especialização em Educação com Ênfase em Gestão Educacional**

Santa Maria, RS, Brasil

2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

elaborada por

Tanise Ferreira de Oliveira

como requisito parcial para obtenção do grau de
**Especialização em Educação com Ênfase em Gestão
Educativa**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. José Luiz Padilha Damilano
Orientador/Presidente

Ms. Lorena Inês P. Marquezan

Dr^a Márcia Lise Lenardi

Ms. Andréa Tonini

**Santa Maria
2005**

O46a Oliveira, Tanise Ferreira de

Avaliação da aprendizagem. / Tanise Ferreira de Oliveira. – Santa Maria, 2005.

63 f.

Monografia (Pós – Graduação em Gestão Educacional.) – UFSM, Centro de Educação.

1. Avaliação. 2. Aprendizagem 3. Professores
4. Alunos I. Título

CDU 371.26

Maríndia Pôrto Nunes
CRB 10/1440

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRAT	vii
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	01
I. AVALIAÇÃO COMO PROCESSO EDUCATIVO NA ESCOLA	05
1.1. Avaliação: Instrumento Auxiliar da Aprendizagem	08
1.2. Avaliação Mediadora e o Conhecimento do Professor	20
1.3. O Aluno e a Avaliação da Aprendizagem	23
1.4. Critérios da Avaliação	25
II O PROFESSOR COMO MARCO DO PROCESSO AVALIATIVO	28
III. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	35
3.1. Contextualizando o Método	35
3.2. Contextualização da Escola e os Participantes do Estudo	36
3.3. Coleta, Organização e Análise dos Dados	38
IV. ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS	40
4.1. O avaliar na Visão dos Professores	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	53
ANEXO	55

MENSAGEM

“DEUS”

Desde o início da minha caminhada

Tu estavas comigo.

Dias e noites se passaram.

Vitórias foram conquistadas.

Derrotas foram superadas.

Amizades foram criadas.

Conhecimentos foram adquiridos...

E, agora que alcancei o meu objetivo,

Venho te louvar, te agradecer e te oferecer

Humildemente, o amor, a felicidade, enfim

A vitória deste momento.

OBRIGADO SENHOR !

LAURO TREVISAN

AGRADECIMENTO

Agradeço a DEUS por permitir que pudesse vivenciar esta experiência enriquecedora e renovadora.

Aos familiares pelo apoio e compreensão nas horas de ausência.

Aos Professores que me ajudaram a fazer uma leitura consciente da realidade da educação.

Aos colegas, que durante todo o período de encontros foram pessoas presentes.

Aos Professores do Curso e, em especial ao Orientador Professor José Luiz Padilha Damilano, pela forma didática e carinhosa com que conduziu o desenvolvimento desta Monografia.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Gestão Educacional
Programa Institucional de Extensão Universidade Aberta
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil
“AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM”
AUTORA: TANISE FERREIRA DE OLIVEIRA
ORIENTADOR : JOSÉ LUIZ PADILHA DAMILANO
Data e Local da Defesa : Santa Maria, 29 março de 2005

A presente Monografia visa buscar no embasamento teórico e na prática de profissionais em educação, informações experienciadas no cotidiano, sobre a questão da avaliação visto que a mesma tem um papel fundamental para o sucesso e/ou fracasso escolar do educando. Mudar a forma de avaliar os alunos sem antes alterar a maneira de encarar o ensino e a aprendizagem, leva apenas a novos equívocos e poucas soluções viáveis. Não basta mudar a forma de avaliar o aluno sem antes alterar o que se pretende avaliar. Isso apenas mascara práticas tradicionais de ensino e pouco contribui para a formação do aluno. Somente com o esforço da Comunidade Escolar: alunos, professores, equipe diretiva, agentes escolares e pais e/ou responsáveis de alunos poderemos atingir a tão esperada mudança na Educação. Deixa-se de lado os rótulos e hierarquias e privilegia-se o aluno como um ser subjetivo, único e especial. Preza-se o desenvolvimento de suas singularidades e não o treino para que ele se enquadre nas normas estabelecidas por outrem. A avaliação é parte integrante do processo ensino e aprendizagem e ganhou na atualidade espaço muito amplo nos processos de ensino. Requer preparo técnico e grande capacidade de observação dos profissionais envolvidos, na medida em que sejam respeitadas as características individuais do educando e, a partir disso decidir o tipo de ajuda pedagógica que será oferecida para conscientizar as pessoas envolvidas no processo educativo da escola.

Palavras-chave: avaliação, professores, alunos.

ABSTRACT

Monograph of Specialization
Course of Educational Administration
Institutional Program of extension Open University
Universidade Federal de Santa Maria, RS, BRAZIL.

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
(EVALUATION OF THE LEARNING)**

AUTHOR: Tanise Ferreira de Oliveira
ORIENTATER: Teacher Specialist José Luiz Padilha Damilano
Date and Local of the Defense: Santa Maria, March 29th , 2005.

The present monograph seeks to look for in the theoretical embasement and in the professionals' practice in education, experienced information in the dayly, on the subject of the evaluation visa that same has a fundamental character for the success and/or school failure of the pupil. To change the form of evaluating the students without before to after what it intends to evaluate. That just chews tradictional practices of teaching and little contributes to the pupil's formation. Only with the effort of School Comunidad: pupils, teachers, directive team, school agents and parents and/orresponsible of pupils we can reach the such expected change in the Education. It leaves him sideways the labels and hierarchies and the pupil is privileged as a being subjective, only and special. Esteem oneself the development of its singularities and don't train it so that he frame to him in the norms established by somebody. The evaluation is integral part of the process teaching and learning and it won very wide space at the present time in the teaching processes. Ir requests technical preparation and great capacity of the involved professionals' observation, in the measure in that the individual characteristics are respected of the pupil and, starting from that to decide the type of pedagogic help that will be offered to become aware the people involved in the educational process of the school.

Key-words: evaluation, teacher, pupils.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não há dúvida que um dos temas mais polêmicos da Educação é a avaliação. Mas nunca se esteve num processo tão avançado para que ela ocorra rumo à formação humana – uma possibilidade para que todos aprendam.

A sociedade culta, informatizada, globalizada, pós-graduada, tecnologizada, enfim, está capacitada para tal. Mas por que isso ainda não se tornou realidade? Com este tema **“Avaliação da Aprendizagem”**, busca-se uma reflexão acerca da trilogia: ensino e aprendizagem–avaliação–escola, uma vez que essa última é um reflexo da sociedade global e agoniza com suas insatisfações, tensões e conflitos, conforme Sampaio (2004). Longe de apresentar teorias ou grandes novidades sobre o tema, apenas propõe-se a análise das idéias dos professores da Escola estudada, procurando adequar a necessidade de uma nova forma de avaliação à atual realidade educacional.

Processo de difícil entendimento no sistema educacional, pois no decorrer da vida estudantil sempre se questionou o significado da avaliação e seu papel no processo de construção do ensino e da aprendizagem, principalmente, quando na posição de aprendiz no Ensino Médio e, posteriormente na Faculdade de Letras–Habilitação Espanhol, vivenciei, enquanto aluna, muitas vezes, avaliações nas quais o principal objetivo era

constatar se foram ou não memorizados os conteúdos apresentados em sala de aula, o que me desafiava a refletir: qual seria o significado deste tipo de avaliação que visa somente a memorização? Há construção de conhecimento nesta proposta? Qual o significado para o aluno?

Hoje, quando o tema Avaliação é colocado em discussão, percebe-se a intranqüilidade dos professores frente às constantes denúncias da prática avaliativa ainda autoritária, elitista, sentenciosa e excludente, voltada para a seleção social e inculcação ideológica ao lado de um discurso calcado em um novo ideário pedagógico no qual a avaliação é um processo contínuo que visa a um diagnóstico (teoria x prática), (crítica x alienação). Melchior (2003) diz que a reflexão crítica realizada sobre a temática em seu cotidiano vem comprovando que, mesmo diante da imposição de mudanças, as práticas avaliativas pouco tem mudado como reflexo de uma metodologia tradicional ainda, utilizada em sala de aula, acrescida de incipiente aprofundamento teórico (crítica x alienação).

De acordo com essas considerações, se registra a forma sutil que no passado o educando vivenciou e ainda existe; a prática avaliativa realizada num ambiente de medo, tensão e ansiedade criados pelo professor que não está interessado em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu, expondo publicamente aos colegas sua fragilidade.

Com esta concepção de avaliação educacional é que se resolveu fazer um estudo embasado em alguns autores como Luckesi, Vanconcellos, Gadotti e outros, complementando com a prática, dos professores de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental que vivem diariamente essa realidade na tentativa de atualização do processo ensino-aprendizagem,

buscando ações que contribuam para diminuir significativamente esse problema. Com essa realidade e conhecimento adquiridos ao longo da caminhada, nos propusemos a demonstrar ao sistema vigente que está na hora de enfrentarmos o desafio e vencermos os entraves criados pelo fantasma do sistema avaliativo que domina ainda hoje, em boa parte, senão na maioria das nossas instituições educacionais, a mesmice da ação no ensinar–aprender, em detrimento de regimentos ultrapassados e à burocracia das escolas no País.

Segundo Luckesi (2000), nossa prática educativa passou a ser direcionada por uma pedagogia centrada na resolução de provas e exames, dando ênfase às notas, não importando como foram obtidas. Essa prática escolar vem se realizando dentro de uma teoria que prima pela conservação e reprodução da sociedade, daí a razão de o processo de avaliação manifestar–se de forma autoritária, na qual a aprendizagem escolar está a serviço de uma pedagogia cerceadora, limitada e distorcida que serve a um modelo social passivo e alienante. Com essa realidade detectada, a intenção é de mostrar que a avaliação escolar ainda é caracterizada como mecanismo disciplinador de condutas sociais, passando de instrumento de diagnóstico do crescimento, para instrumento que ameaça e disciplina. Ainda é vista como seleção, classificação e hierarquia de saberes e de pessoas, dificultando a expressão, contribuindo para o silenciamento do educando, suas culturas e processos de construção do conhecimento, se tornando uma prática dominante no contexto escolar, se vê a necessidade de discutir o processo, com a intenção de apresentar situações para que o avaliar se torne uma atividade espontânea, livre e prazerosa. Pois o impulso de aprender, conquistar, realizar e reconhecer o saber, é mais eficiente e duradouro quando vem de dentro e, conseguindo essa concentração de aprendizado do

educando, será facilitada a busca de aprendizagem e o avaliar será consequência do processo.

Não podendo, todavia a avaliação, ser uma ação mecânica. Ao contrário terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

Com esses pressupostos registramos nossa preocupação com o ato de avaliar, justificando a escolha do tema proposto com vistas em uma melhoria da qualidade de ensino, para que através dela se possa chegar ao autoconhecimento de uma educação altamente centrada nos valores humanos e nas emoções, respeitando as diferenças e individualidades no processo ensinar–aprender, tendo como finalidade identificar as relações estabelecidas entre a aprendizagem e a prática avaliativa na sala de aula, através do fazer pedagógico do professor, bem como verificar se houve no processo ensino e aprendizagem a construção de conhecimento criativo, identificando as diferenças e igualdades num contexto de inclusão na escola.

Considerando o trabalho pedagógico do professor e valorizando a recepção prazerosa do educando, sabe-se que as atividades avaliativas quando bem aplicadas e bem orientadas em sala de aula contribuem para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, visto da importância que eles têm de reconhecer o resultado de seu desempenho, não só na aprendizagem de conhecimentos, mas na capacidade de aplicá-los no cotidiano e para futuras aprendizagens.

I. A AVALIAÇÃO COMO PROCESSO EDUCATIVO NA ESCOLA

Para melhor conhecer a realidade escolar, se deve conhecer a atuação do professor, que se expressa e se fundamenta na fragmentação do processo ensinar–aprender, na classificação das respostas dos alunos, a partir de um padrão predeterminado frente a concepção pedagógica. Logo, seu procedimento avaliativo reflete sua concepção sobre a educação. Desta forma, é importante constatar e analisar o que o professor pensa sobre a avaliação no processo ensino aprendizagem.

Conforme Melchior (2003, p.26), é comum ouvir nas escolas comentários dos professores: “Tenho que entregar notas até tal dia e não fiz o teste.” Esse tipo de manifestação evidencia que para muitos professores, não está claro o significado e a função da aprendizagem e da avaliação. Assim a ação de avaliar é realizada por todos os indivíduos nos diversos momentos do seu cotidiano. No processo ensino e aprendizagem, a avaliação é muito enfatizada e exerce uma influência significativa em todo o contexto escolar, nas famílias e principalmente no próprio aluno.

Segundo Hoffmann (1998), existem diversos sentidos para avaliar e o professor tem que estar consciente que não é só teste. A avaliação não pode ser isolada do todo, não basta saber o que o aluno aprendeu de um determinado conteúdo, o que interessa é saber como ele

está utilizando o aprendizado para se inserir na sua realidade de vida. O professor que atende individualmente o aluno na hora de realizar a avaliação pode estar contribuindo para conscientizá-lo da necessidade de buscar por si próprio alternativas para vencer suas necessidades ou dificuldades, indo além do auxílio recebido pelo professor para encontrar soluções para os seus problemas em relação à aprendizagem.

Segundo a autora, a avaliação, tal como vem sendo processada em muito tem contaminado a relação pedagógica, distorcendo sua aplicabilidade e comprometendo muitos dos propósitos de superação da prática de construção do conhecimento em sala de aula, acarretando inesgotáveis prejuízos no desenvolvimento e maturidade do aluno.

Toda e qualquer ação avaliativa é carregada de intenções reveladoras de postura de vida (HOFFMANN, 1998).

As condutas dos alunos consideradas erros deram margem tanto no passado como no presente a variadas formas de castigo por parte do professor. Com o passar dos anos, os castigos escolares foram perdendo o seu caráter de agressão física, tornando-se mais perspicazes, mas não desprovidos de violência. O castigo físico não desapareceu da escola, apenas passou a manifestar-se de outras maneiras, não atingindo o corpo, mas a personalidade do aluno.

O clima de culpa, castigo e medo, que tem sido um dos elementos da configuração da prática docente, é um dos fatores que impedem a escola e a sala de aula de serem um ambiente de alegria, satisfação e vida feliz (LUCKESI,1999,p. 51).

Sabe-se que os problemas por que passa a Educação Brasileira são reflexo da falta de consciência da sociedade. Durante muitos períodos na História, a avaliação vem reforçando a relação desigual entre as pessoas, em particular no contexto de uma sociedade marcada pela exclusão. Frente a esta situação, procura-se, através da realidade enfocada, vislumbrar sinais de esperanças ao projetar as ações da escola, que assume junto à comunidade o compromisso de efetivar ações pedagógicas que favoreçam o ensino e a aprendizagem com qualidade.

Segundo Gadotti (1999, p.36) “não há educação e aprendizagem sem sujeito da educação e da aprendizagem. A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico”.

É preciso recuperar o espaço escolar com sua função específica que é proporcionar condições de ensino e aprendizagens significativas que permitam ao educando a apropriação das formas e dos conteúdos constitutivos do saber sistematizado, possibilitando a democratização desse saber, visto que a avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no específico, subsidia um curso de ação que visa construir um resultado, auxiliando na tomada de decisões relacionadas à aprendizagem dos educandos, tendo em vista oportunizar a qualidade do resultado que se está construindo.

1.1. Avaliação: Instrumento auxiliar da aprendizagem

A avaliação deve ser um instrumento auxiliar que possibilite ao professor identificar o que deve ser feito para ajudar o aluno a melhorar sua aprendizagem, devendo ser compreendida como constitutiva da prática educativa, que é a análise das informações obtidas ao longo do processo ensino e aprendizagem, o que os alunos sabem possibilitando ao professor a organização de sua ação de maneira adequada e com melhor qualidade.

Para Cipriano Carlos Luckesi (2000), por caracterizar-se como resposta a compreensão que o aluno tem sobre os aspectos do conhecimento a serem trabalhados, a avaliação é também responsiva atuando como elemento caracterizado pelas pautas interacionais e das interações pedagógicas, sendo dialeticamente constitutiva dos sujeitos envolvidos na aprendizagem. Para ele, a avaliação precisa acontecer num contexto em que seja possibilitada ao aluno a reflexão tanto sobre os conhecimentos construídos, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu, como consegue aprender. Assim o aluno tem a possibilidade de descobrir que podem existir outros modos de aprender.

Pode-se, assim utilizar um instrumento de avaliação junto aos nossos educandos simplesmente como recurso para coletar dados sobre suas condutas e podemos utilizar esses mesmos instrumentos como recurso externo e aversivo. A teoria pedagógica dá o norte da prática educativa e o planejamento de ensino faz a mediação entre a teoria pedagógica e a prática de ensino da aula.

Dessa forma, segundo Luckesi (2000), uma teoria pedagógica que considere que a retenção da informação basta para o desenvolvimento do educando, os dados serão qualificados diante deste entendimento, assim a teoria pedagógica e a prática da sala de aula direcionarão, em ação conjunta dos gestores da escola com Professor, o fazer-entender do educando que tem por finalidade a construção de seu próprio conhecimento.

Por muito tempo, o ato de avaliar figurou apenas como um corolário do ato de ensinar e aprender; assim, a avaliação, embora considerada instrumento definidor do fracasso, ou do êxito escolar, era encarada como mera coadjuvante do processo que envolvia a construção do conhecimento. À medida que as diversas correntes pedagógicas foram sendo apropriadas, observou-se o quão importante e necessário se fazia definir o método avaliativo a ser empregado por cada uma delas. Não obstante terem surgido vários modelos de avaliação, as concepções de que mais se ocupam os educadores e os especialistas são: a avaliação Normativa e a avaliação Formativa. A primeira é evidenciada quase sempre na linha da pedagogia tradicional e a segunda, engendra-se em meio a uma abordagem de prática pedagógica diferenciada. Para o educando, o importante é a formação de suas habilidades de compreender, analisar, sintetizar, aplicar os dados coletados que serão qualificativos positiva ou negativamente diante desta exigência teórica.

Segundo Luckesi (2000), para qualificar a aprendizagem de nossos educandos, se deve ter clara a teoria que é utilizada como suporte da prática pedagógica, de outro o planejamento de ensino que estabelece como

guia na prática de ensinar no decorrer das unidades de ensino durante o ano letivo. Sem uma clara e consistente teoria pedagógica e sem um satisfatório planejamento de ensino, com sua conseqüente execução, os atos avaliativos serão praticados aleatoriamente, de forma mais arbitrária do que são em sua própria constituição. Serão praticados sem vínculos com a realidade educativa do aluno. A avaliação faz parte de um currículo dimensionado moralmente, a partir da transversalidade com que é planejada levando em conta sua genuína função educadora e utilizando uma metodologia coerente com os valores que estão sendo promovidos.

Rodrigues apud Ramos (2000), fala que a avaliação do desempenho não é exclusiva do mundo educativo, mas que é por meio dela que obtêm-se uma quantidade razoável de informações sobre o desempenho das tarefas a que se propôs, que seria valorizar a diversidade de conhecimentos e de processos de construção e socialização. Neste contexto, trata-se de um sistema de apreciação formal ou informal e com certa continuidade do desenvolvimento do indivíduo. Assim, a avaliação do desempenho busca conhecer o grau de entendimento e a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que para avaliar o desempenho é utilizada uma ampla gama de técnicas de avaliação tendo em comum a exigência de uma participação ativa do aluno.

Hoffmann (1998) considera que a avaliação não envolve somente questões de organização ou de objetivos, ela envolve inclusive a disposição do professor em se preocupar com cada aluno, individualmente, no sentido de seu acompanhamento, proporcionando um atendimento as suas diferenças e levando-o a um crescimento dentro das suas

potencialidades. Esta é a parte mais trabalhosa do processo e é por esse motivo que um professor não deveria ser sobrecarregado de horas aulas e sim, que pudesse ter horas livres durante sua semana exatamente para tratar desta questão.

Assim de acordo com Hoffmann (1998,p.82):

A avaliação deve ter por finalidade principal o auxílio ao aluno concebendo-o como responsável e participante do processo educativo no sentido de favorecer-lhe a tomada de consciência sobre suas conquistas e dificuldades e de apontar alternativas de evolução na disciplina e na vida profissional, essa prática perde o seu sentido se exercida através de posturas e de desconfiança em relação ao aluno.

Segundo a autora, o esforço e o comprometimento do aluno não são por si só suficientes, precisa a educadora corresponder ao esforço e comprometimento, fazendo-lhes desafios significativos para que, alcancem o saber. Quando os professores entendem o significado da avaliação, passam justamente a questionar os propósitos, as finalidades dos textos utilizados por eles como instrumentos principais ou exclusivos de avaliação do aluno, o que confirma que não haveria sentido em apontar-lhes novas metodologias de avaliação enquanto não forem construídos pelos educadores os princípios essenciais dessa prática como um direito do estudante ao auxílio e a orientação pedagógica.

Ela também acredita que muitas inovações poderão ser bem sucedidas no ensino tanto aos professores como aos pais e aos alunos de forma que estes estejam juntos aos alunos para detectarem e auxiliá-los nas suas dificuldades. O repensar da avaliação deve ser de urgência porque vem servindo de apoio as práticas desenvolvidas nas escolas.

Conhecer o conteúdo é fundamental para o professor, mas não é o mais importante e o mais difícil. É indispensável que ele consiga relacionar o conteúdo aos objetivos e às situações de aprendizagem. Assim, procura alcançar objetivos, mas não pode ser de forma obsessiva, mecânica e fechada. O Planejamento não necessita ditar situações e aprendizagem para cada objetivo, mas identificar os objetivos trabalhados nas situações em questão, de modo a enfatizá-los de acordo com o proposto, de forma mais ampla. Por exemplo, a realização de um jogo matemático, além dos objetivos da matemática, outros podem ser alcançados. Daí a importância da interdisciplinaridade que só se efetiva se os professores deixam de lado a individualidade e têm tempo para programar as ações conjuntas.

Considerando-se que, entre os obstáculos enumerados para a avaliação processual, estão a rigidez dos horários, o pouco tempo do professor junto ao aluno, por que não se oportunizam situações de aprendizagem mais amplas que, eventualmente, envolvam mais de um professor, no acompanhamento e na sua avaliação, que podem estar relacionadas com mais de uma disciplina?

O professor necessita dominar os conteúdos com suficiente fluência e distância para construí-los em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando as ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar, necessariamente, por uma exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário (PERRENOUD, 2000, p.27).

Quando o professor conhece, com profundidade o conteúdo, que trabalha, ele consegue desvencilhar-se da rigidez do programa e criar situações de aprendizagem a partir dos alunos e dos acontecimentos sem

perder a unidade e a integração de um determinado campo do conhecimento.

Quando se fala em organizar o ensino, não se fala da organização de aulas pré-estruturadas, rigidamente, em que o professor expõe e, depois, o aluno resolve os exercícios propostos sobre o assunto, mas de múltiplas situações complexas, referindo-se a diversos objetivos até a diversas disciplinas. Para aprender não basta ler ou ler e discutir um texto, são necessárias tarefas abertas e complexas, que favoreçam a apropriação ativa do aluno, partindo de seu interesse, explorando os acontecimentos e oportunizando a transferência dos conhecimentos. No primeiro momento da atividade, o professor observa e faz a análise do que aconteceu durante o processo, o que realmente se desenvolveu e verifica sobre a possibilidade de modificar a seqüência das atividades, quando for necessário.

De acordo com o Perrenoud (2000), para o professor poder verificar quais as representações dos alunos, ele necessita oportunizar-lhe a expressão das mesmas, interessar-se por elas, tentar compreender suas raízes e coerência, colocando-se no lugar deles e não censurá-los pelos erros. Ao contrário, o professor encontrando um ponto de entrada no seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para levá-los a restabelecerem o equilíbrio, incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as, se necessário. O professor que consegue trabalhar partindo da representação dos alunos, cria significados que facilitam as novas aprendizagens e tem subsídios para avaliar o aluno desde o início do processo.

Compreendido assim, o processo de avaliar envolve um julgamento acerca de certos elementos que nos revelam o quanto o aluno aprendeu e que caminhos se deve seguir, em relação ao conteúdo e aos objetivos de ensino. Quando um professor faz uma avaliação, já tem claro o resultado que espera que o seu aluno demonstre ter alcançado. Para isso seleciona, entre seus objetivos e conteúdos, dados que considera relevantes, ou realmente importantes, a serem atingidos ou apropriados. De posse dos resultados, cabe ao professor tomar decisões sobre o encaminhamento do processo da aprendizagem.

Dessa forma, a avaliação necessita estar presente em todos os momentos, constituindo-se um processo dinâmico, um “ir e vir” do processo de ensino e aprendizagem. Assume, assim, uma função diagnóstica, ou seja, serve como (re) começo do processo ou, ainda, se converte num caminho para a transformação da prática pedagógica do professor. Este “ir e vir” supera a simples verificação e mensuração dos resultados. Verificar é constatar o que ou o quanto o aluno aprendeu, ou alcançou, do objetivo traçado. Nesse sentido, o ato de avaliar contempla a verificação e a medida, mas não se encerra nelas. Porém, verificar ou medir, por si só, não se constitui avaliação.

As concepções que regem as ações de todas as pessoas envolvidas no processo de avaliação, sejam elas alunos, família ou profissionais da educação são direta e indiretamente influenciadas pela sociedade capitalista na qual se vive, são determinadas por uma teoria que esclarece pontos convergentes do sistema educativo.

A concepção dialética é caracterizada pela visão de Educação como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão pré-determinados, daí a ausência de ênfase no processo. “Trata-se da transmissão de idéias selecionadas e organizadas logicamente. A escola tem o papel de continuidade das idéias dominantes” (VASCONCELLOS, 1995).

A avaliação é realizada predominantemente visando a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se portanto, pela quantidade e exatidão de informações que se consegue reproduzir, daí a consideração de provas, exames, chamadas orais, exercícios etc., que evidenciem a exatidão da reprodução da informação (MIZUKAMI,1986).Salienta ainda a autora que o exame passa a ter um fim em si mesmo e o ritual é mantido. As notas obtidas funcionam, na sociedade, como níveis de aquisição do patrimônio cultural.

A Concepção Comportamentalista é caracterizada pela visão de Educação que tem por finalidade promover mudanças nos indivíduos, mudanças essas desejáveis e relativamente permanentes, as quais implicam tanto na aquisição de novos comportamentos quanto na modificação dos já existentes. O uso adequado das técnicas de modificação de comportamentos é aquele em que passa progressivamente o controle da estruturação do esquema de contingências para cada indivíduo (MIZUKAMI,1986).

De acordo com Mizukami (1986), a avaliação consiste em se constatar se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos propostos quando o

programa foi conduzido até o final de forma adequada. Assim, a avaliação está diretamente ligada aos objetivos estabelecidos.

A autora coloca ainda que, na maioria das vezes, a avaliação inicia o próprio processo de aprendizagem, uma vez que se procura, através de uma pré-testagem, conhecer os comportamentos prévios, a partir dos quais serão planejadas e executadas as etapas seguintes do processo ensino-aprendizagem.

A avaliação é igualmente realizada no decorrer do processo, já que são definidos objetivos finais (terminais) e intermediários. Esta avaliação é um elemento constituinte da própria aprendizagem, uma vez que fornece dados para o arranjo de contingências de reforços para os próximos comportamentos a serem modelados. Nesse caso, o autor salienta que a avaliação surge como parte integrante das próprias condições para a ocorrência da aprendizagem, pois os comportamentos dos alunos são modelados à medida em que estes tem conhecimento dos resultados de seu comportamento. A avaliação também ocorre no final do processo, com a finalidade de se conhecer se os comportamentos finais desejados foram adquiridos pelos alunos (MIZUKAMI,1986).

A Concepção Humanista é caracterizada pela visão de Educação que trata da Educação do homem e não apenas da pessoa em situação escolar. O ensino é centrado no aluno, fundamentado no processo de auto-descoberta. A escola tem o papel de possibilitar a autonomia do aluno e desenvolver a sua personalidade (MIZUKAMI,1986).

Para Neill (*apud* MIZUKAMI,1986), tanto as crianças como os adultos, aprendem o que desejam aprender. Considera-se assim, que toda outorga de prêmios, notas e exames desvia o desenvolvimento adequado da personalidade. Só os pedantes declaram que o aprendizado livresco é educação. Os livros são o material menos importante da escola. Tudo quanto a criança precisa aprender é ler, escrever e contar. O resto deveria compor-se de ferramentas tais como a argila, o esporte, o teatro, a pintura e a liberdade.

Segundo Rogers (*apud* MIZUKAMI,1986)

Quando reunimos em um esquema elementos tais como um currículo pré-estabelecido, "deveres idênticos" para todos os alunos, preleções como único modo de instrução, testes padronizados pelos quais são avaliados externamente todos os estudantes, e notas dadas pelo professor, como modo de medir a aprendizagem, então, quase podemos garantir que a aprendizagem dotada de significação será reproduzida à sua expressão mais simples.

Considerando-se o fato de que só o indivíduo pode conhecer realmente a sua experiência, esta só pode ser julgada a partir de critérios internos do organismo; critérios externos ao organismo podem propiciar o seu desajustamento. O aluno, conseqüentemente, deverá assumir responsabilidades pelas formas de controle de sua aprendizagem, definir e aplicar os critérios para avaliar até onde estão sendo atingidos os objetivos que pretende (MIZUKAMI,1986).

A Concepção Cognitivista é caracterizada pela visão de Educação que trata da mesma como um processo intelectual e moral,

estimulando a democracia e a compreensão da realidade (MIZUKAMI, 1986).

Mizukami, (1986) salienta que no que se refere à avaliação tradicional, realizada através de testes, provas, notas, exames etc., encontra pouco respaldo nesse tipo de abordagem. Bringüier (apud MIZUKAMI,1986), citando Piaget, salienta que em Psicologia, em lógica, nada é mensurável.

Decorrentes deste posicionamento, resultado de investigações teórico-experimentais, a avaliação terá de ser realizada a partir de parâmetros extraídos da própria teoria e implicará verificar se o aluno já adquiriu noções, conservações, realizou operações, relações etc. O rendimento poderá ser avaliado de acordo com sua aproximação a uma norma qualitativa pretendida. Uma das formas de se verificar o rendimento é através de reproduções livres, com expressões próprias, relacionamentos reprodução sob diferentes formas e ângulos, explicações práticas, explicações causais etc. O controle do aproveitamento deve ser apoiado em múltiplos critérios, considerando-se principalmente a assimilação e a aplicação em situações variadas (MIZUKAMI,1986).

O professor deverá igualmente, considerar as soluções erradas, incompletas ou distorcidas dos alunos, pois não se pode deixar de levar em conta que a interpretação do mundo, dos fatos, da causalidade, é realizada de forma qualitativamente diferente nos diferentes estágios de desenvolvimento do ser humano. A solução apresentada, num determinado ponto da ontogênese, é peculiar a esse estágio em que o aluno se encontra e às fontes de informação com as quais ele pode operar (MIZUKAMI,1986).

Para a autora não há pressão no sentido de desempenho acadêmico e desempenhos padronizados, durante o desenvolvimento cognitivo do ser humano.

A concepção Sócio-Cultural é caracterizada pela visão que pensa que a Educação se dá, enquanto processo, em um contexto que deve necessariamente ser levado em consideração. Toda ação educativa, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem é o sujeito e objeto da Educação numa interação permanente onde enquanto se educa se está aprendendo (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Mizukami, (1986) a verdadeira avaliação na tendência pedagógica sócio-cultural, consiste na auto-avaliação e/ou avaliação mútua e permanente da prática educativa por professor e alunos. Qualquer processo formal de notas, exames etc. deixa de ter sentido em tal abordagem. No processo de avaliação proposto, tanto os alunos como os professores saberão quais suas dificuldades e quais seus progressos. A avaliação é da prática educativa, e não de um pedaço dela (FREIRE *apud* MIZUKAMI, 1986).

Assim a avaliação deve ser parte integrante do processo de ensino aprendizagem e não ser vista como instrumento medidor de conhecimento adquirido. O professor deve buscar com a avaliação auxílio ao desenvolvimento do educando.

1.2. Avaliação Mediadora e o Conhecimento do Professor

René Barbier (apud HOFFMANN, 1999), diz que conhecimentos e experiências não são suficientes para se chegar a verdade, desenvolvendo uma tese sobre a “escuta sensível em educação” observando assim as reações mais curiosas dos professores nestes momentos de estudos, as leituras mais incríveis são feitas.

Segundo ele o resgate do cotidiano em avaliação exige um tempo de deixar falar, tempo de relatar situações, contar histórias sem a delimitação de objetivo previamente estabelecidos. Os fundamentos de uma avaliação ultrapassam estudos sobre as teorias de avaliação e exigem o aprofundamento em teorias de conhecimentos, bem como estudos referentes ao trabalho do professor.

Na avaliação dos atos diários de nossa vida “avaliar” significa refletir para mudar, pois tentamos várias vezes descobrir soluções para os problemas e amadurecemos muitas vezes, a partir de tentativas frustradas . Se tal é o sentido da avaliação na vida, esse não é o sentido de avaliação de escola, através de formalização do processo, perdem-se o bom senso em relação ao seu significado.

Para Hoffmann (1998) a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. Pela curiosidade de conhecer a quem educa, e conhecendo a descoberta de si próprio, o conhecimento das possibilidades do educando continua a vir a ser importante no seu aprendizado desde que lhe sejam oferecidas oportunidades de rever muitas

e desafiadoras situações de vida, desde que se confie nele diante dos desafios que lhe seja oportunizado.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a vida, a fim de mudança não pode ser medida, mas sim observada para ser retomada, revista, reanalisada. A avaliação tem seu reflexo na vida do educando e do educador, não pode ser avaliado de forma somativa. Essa apropriação de novos conceitos e procedimentos permite que o aluno possa realizar as atividades propostas com maior eficiência e autonomia. Neste sentido, a avaliação precisa ser compreendida como reflexiva e autonomizadora. Acontece que o professor faz o diagnóstico de cada um através de análise do desempenho em relação aos conhecimentos já sistematizados.

Segundo a idéia de (HOFFMANN,1998, p.34):

Uma avaliação no aspecto cognitivo já reflete em si mesmo a influência das atitudes, pois a interligação entre os componentes do comportamento humano está sempre presente. Isso não significa que não se faça avaliação das atitudes, pois essa é necessária para orientar decisões sobre grupos de alunos, fornecendo subsídios para reformulação de currículo e programas. Os resultados de avaliação no aspecto afetivo são muito importantes para o professor quanto ao uso de determinados métodos e recursos de ensino.

Para que haja mediação no processo avaliativo, é imprescindível que o professor conheça seus alunos, para assim oferecer “caminhos” diferenciados para que o educando alcance um resultado positivo na aprendizagem. O professor não pode promover seus alunos sem o conhecimento necessário e Hoffmann (1998), salienta que a avaliação parte da concepção de ensino aprendizagem. Ela deve ser significativa, articulada

e contextualizada, em permanente formação e transformação está a serviço do projeto educacional, é parte integrante do mesmo a partilha de seus princípios fundamentais em função dos seus objetivos gerais, é um elemento integrador entre a aprendizagem do educando na construção do conhecimento. Desse modo ela passa a ser compreendida num conjunto de atuação que tem a função de alimentar, sustentar, orientar, adequar e reorientar a intervenção pedagógica.

Para a autora, a avaliação deve ser um processo transformador que envolve o educando e o educador, comunidade escolar e políticas públicas educacionais. É uma prática de investigação diagnóstica, contínua, cumulativa, sistemática e compartilhada que se destine a verificar se houve aprendizagem. Portanto, é um processo bastante abrangente que envolve não só o aprendizado do aluno, mas também a prática do professor. É na etapa do planejamento que o professor avalia todo o processo educativo para confirmar ou redimensionar a sua programação, as relações que se estabelecem em relações estratégicas pedagógicas adequadas ao sucesso escolar.

Avaliar um educando implica, antes de mais nada, acolhê-lo no seu ser e no seu modo de ser como está, para a partir daí decidir o que fazer. A disposição do acolher está no sujeito do avaliador e não no objeto da avaliação. O avaliador é o adulto da relação de avaliação, por isso ele deve possuir a disposição de acolher, ele é o detentor desta disposição e sem ela não há avaliação. Não é possível avaliar um objeto, uma pessoa ou uma ação, caso ela seja recusada. A disposição do acolher está no ponto de partida de qualquer prática de avaliação. A avaliação só nos propiciará condições para obtenção de uma melhor qualidade de vida se estiver

assentada sobre a disposição para acolher, pois é a partir daí que podemos construir qualquer coisa.

Quando se atua junto a pessoas, a qualificação e as decisões necessitam ser dialogadas. Desse modo, a avaliação é um auxiliar de uma vida melhor, mais rica e mais plena em qualquer de seus setores, desde que constate, qualifique e oriente possibilidades novas, e certamente mais adequadas, porque assentadas nos dados do presente. Se tem que transpor esse concerto de avaliação para a compreensão da avaliação da aprendizagem escolar, tomando as elucidações conceituais anteriores, e aplicando passo a passo cada um dos elementos da avaliação da aprendizagem escolar. O educador precisa dispor-se a acolher o que está acontecendo.

1.3. O Aluno e a Avaliação da Aprendizagem

O aluno precisa ser o autor da sua aprendizagem, descobrir como é gostoso saber construir. Guareschi (2000), diz que a avaliação é o momento para ele pensar como está vivendo, o que precisa modificar, o que não está achando legal. Cabe à escola e ao professor criar oportunidades para que isso ocorra. Não se pode aceitar avaliação comparativa, cada ser é diferente.

A avaliação, mesmo buscando considerar os aspectos qualitativo e quantitativos da aprendizagem, procura soluções para melhor avaliar o educando como um todo, os educadores buscam instrumentos mais eficazes, seguros e coerentes para avaliar e avaliar-se.

As escolas precisam se posicionar perante a avaliação buscando uma maneira mais clara de valorizar o que o aluno aprendeu e não apenas medir o não aprendido, visto que a prioridade ainda está nas notas, isto é, nos aspectos quantitativos e qualitativos.

A avaliação deve ser entendida como conjunto de ações organizadas para ver o que o aluno aprendeu, porque o processo avaliativo é uma etapa do ensino mais amplo que inicia na sociedade, define o sistema educacional, se institucionaliza na escola e acontece em sala de aula. Neste sentido, a avaliação da aprendizagem deve ser a avaliação da ação de ensinar–aprender, que por sua vez tem que ser contextualizada na escola, entendida como forma de atuação e legitimação do professor, aluno, direção, comunidade que é o contexto mais global que se inclui, no Sistema Educacional mais presente na vida de todos nós.

Para se processar a avaliação, o educador necessita dispor–se a acolher o que está acontecendo. Certamente ele poderá ter alguma expectativa em relação a possíveis resultados de sua atividade e estar disponível para acolher seja lá o que for e o que estiver acontecendo, não querendo dizer que seja o melhor estado da situação avaliativa, mas o que não quer dizer deixar de buscar novas formas e momentos avaliativos. Na aprendizagem estamos trabalhando com o ser humano, o educando. Importa acolhê–lo em toda a sua totalidade e não só na aprendizagem específica que se avalia, o que reforça a visão de acompanhar e estimular o aluno em seus aspectos cognitivo e psicomotores.

Fala, apropriadamente Hoffmann (1998), que avaliar não é rotular alguma coisa e muito menos alguém. Avaliar precisa ser um ato consciente que nos conduz a novos e diferentes caminhos e realizações.

Segundo a autora, queiramos ou não, a avaliação é uma potente arma que pode construir ou destruir. É preciso sempre ter presente que a avaliação e aprendizagem são indissociáveis e pressupostos básicos para o sentido da vida. Se vive um momento de repensar o processo educativo com seus interesses, possibilidades e limitações e os professores estão sendo instigados a mudar suas práticas pedagógicas através de uma nova concepção em que a avaliação seja parte integrante do processo de aprendizagem, seja mediadora e não somente classificatória.

Avaliar é ajudar os educadores a ver que a avaliação precisa ser radicalmente transformada, como a metodologia está sendo. Não é possível pensar em formação de autonomia dos educandos com aulas estruturadas sobre um paradigma tradicional de avaliar (HOFFMANN, 1998, p.15).

O educando já vem para a escola com muitas idéias e, se precisa descobrir com eles como se pode viver na escola trabalhando juntos e felizes, construindo uma outra forma de ver o mundo.

1.4. Critérios da Avaliação

A maneira como a escola avalia é o reflexo da educação que ela valoriza. Essa prática deve ser capaz de julgar o valor do aluno e possibilitar que ele cresça, como indivíduo e como integrante de uma comunidade. A avaliação é uma janela por onde se vislumbra toda a educação. Quando se questiona a quem ela beneficia, a quem interessa, se

considera ser o ensino que privilegia. Quando o professor se pergunta como quer avaliar, desvela sua concepção de escola, de homem, de mundo, e sociedade. Nela, o mais importante é o produto. Ou seja, reflete uma educação baseada na memorização de conteúdos, visando à melhoria da qualidade da educação e, se reflete um ensino que busca a construção do conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), avaliar é também considerar o modo de ensinar os conteúdos de aprendizagem, implica de como os conteúdos estão sendo assimilados pelos educandos a cada momento da escolaridade e reconhecer os limites e a flexibilidade necessária para dar a coexistência de distintos níveis de aprendizagem num mesmo grupo de alunos. Para isso o professor deve saber o que é adequado dentro de um campo largo de aprendizagem para cada nível escolar.

Por exemplo, se os critérios de avaliação são demonstrar compreensão de textos, atribuir sentido de textos orais e escritos, compreender textos, selecionar procedimentos de leitura, coordenar estratégias de leitura, revisar os próprios conceitos, utilizar as técnicas e procedimentos constituídos na prática das normas já estabelecidas, se está em busca de uma avaliação que seja compatível com os objetivos desenvolvidos.

Para avaliar segundo os critérios estabelecidos é preciso considerar indicadores bastante precisos que sirvam para identificar, de fato, as aprendizagens realizadas. No entanto é importante não perder de vista que um progresso relacionado a um critério específico pode

manifestar-se de diferentes formas, em diferentes alunos e que uma mesma ação pode, para um aluno, indicar avanço em relação a um critério estabelecido e, para outro não.

Por isso, além de necessitarem de indicadores precisos, os critérios de avaliação devem ser tomados em seu conjunto, considerados de forma contextual e analisados à luz dos objetivos que realmente orientam o ensino oferecido aos alunos. É neste contexto, portanto que os critérios de avaliação devem ser compreendidos: por uma lado como aprendizagens disponíveis ao final de um período, por outro como referências que permitem ser comparadas aos objetivos do ensino e ao conhecimento prévio com que o aluno iniciou a aprendizagem. A análise de seus avanços ao longo do processo, considerando que as manifestações desses avanços, não são lineares, nem idênticos em diferentes sujeitos.

II. O PROFESSOR COMO MARCO NO PROCESSO AVALIATIVO

No sentido real do profissional em educação como ênfase no ensinar–aprender está a ligação direta dos saberes avaliativos, que terão conseqüentemente no gestor o embasamento e a definição dos critérios do ensino e aprendizagem, normatizados pelos segmentos da comunidade escolar através da elaboração e execução do Projeto Político–Pedagógico, que determina legalmente as atitudes e regras a serem executadas pedagogicamente na escola.

Ferreira (1992) , cita o poder que o professor tem de alterar seus padrões de julgamento, da decisão de aprovar e reprovar o aluno. Este poder serve para a preservação do conceito de que o bom professor é aquele que não aprova todos os alunos, mas também não reprova muito.

É hora de abandonar a avaliação como elemento disciplinador e transformá-lo em instrumento para a criação de algo novo, utilizando esse antigo acessório pedagógico como forma de aprofundar conhecimentos”(FERREIRA,1992,p.53).

Isto significa que a escola como seus professores precisam definir, posições, ou seja, as finalidades da avaliação. Se ela é vista para classificar o aluno ou se é parte do processo pedagógico que visa conhecer o aluno e ajudá-lo a encontrar o caminho da aprendizagem.

Para que mudanças aconteçam no que se refere à avaliação do rendimento escolar, é necessário que as escolas, com seu corpo docente, repensem os instrumentos de avaliação utilizados. Estes devem ser os mais variados e vir acompanhados pela observação do professor. É por ela que o professor conhece seus alunos, identificando suas dificuldades, avaliando seu progresso e propondo alternativas para melhorar seu desempenho. O professor precisa entender a sala de aula como o espaço privilegiado de aprendizagem, embora não seja o único, tornando-o um lugar vivo, alegre, dinâmico, parte do todo social, onde se respire ordem, justiça e respeito à pessoa humana.

O estudo do cotidiano escolar revela uma sutil mudança na prática pedagógica. Se por um lado, há ainda fragmentação, a rotina, o conservadorismo, por outro lado notam-se questionamentos, reflexões na ação buscando-se respostas aos desafios que surgem dos imprevistos e da diversidade com que o professor convive no seu dia-a-dia escolar.

A avaliação é um processo que tem a função de auxiliar a atividade de ensino e de aprendizagem, constituindo-se instrumento que facilita o acompanhamento da construção do conhecimento, oferecendo diagnóstico e análise da aprendizagem do educando e sendo de vital importância seu estudo para que se possa chegar a uma avaliação de cunho reflexivo, crítico, construtivo e emancipatório, pois até então, apenas condiciona o aluno em função da nota e compromete as propostas de alteração da prática de construção do conhecimento em sala de aula.

Segundo Vasconcellos (1998), quando o tema é avaliação, o grande desafio não é simplesmente construir uma nova concepção, mas descobrir uma já enraizada (no sujeito e nas estruturas).

O problema central da avaliação está em seu caráter classificatório e excludente, na possibilidade concreta de reprovar o aluno que o sistema sócio-político-econômico deu ao sistema escolar, que repassou por sua vez para a escola, que transferiu para o professor.

A escola é para ensinar aos eleitos que “têm condições” de segundo Vasconcellos...“Na escola ficam, por direito, os mais ‘competentes’, ou seja, aqueles que conseguem ser ‘imagem e semelhança’ dos valores dominantes, freqüentemente incorporados na cultura escolar” (1998, p.40).

O contexto Escolar precisa demonstrar a lógica da classificação que é injusta do ponto de vista ético-político e ineficaz do ponto de vista pedagógico, podendo causar problemas psicológicos (auto-estima) e econômicos.

A classificação está ligada à lógica da competição, da seleção dos melhores e da exclusão, na qual o papel da escola vem sendo o de reforçar ou questionar esta prática social.

Percebemos que a avaliação está tendo uma função muito mais política (no sentido de controle ao acesso aos bens culturais e sociais) e ideológica (no sentido de levar o sujeito fracassado a convencer-se que a culpa é dele), do que pedagógica: avalia-se tanto, reprova-se tanto, de tal forma que se a avaliação tivesse de fato uma função pedagógica, o ensino no país não teria a baixa qualidade que tem (VASCONCELLOS,1998,p.42).

A avaliação classificatória leva a uma distorção dos objetivos da escola que está com sua atenção desviada do principal que é o processo de ensino e aprendizagem para a formação da cidadania, tendo no professor um sujeito contraditório, envolvido num processo de alienação (crítica x alienação).

Uma das dificuldades encontradas quando está em pauta o tema avaliação é conscientizar os professores de que são agentes de transformação no processo avaliativo, pois muitos deles têm a concepção de que a avaliação classificatória por eles utilizada não é opção do professor, mas decorrência das exigências burocráticas.

O processo de aprendizagem se efetivará quando o aluno se tornar, realmente, protagonista de seu “*ato de aprender*” e para que isso ocorra Gadotti (1999,p.36) afirma que ... “é preciso que ele se torne sujeito de sua aprendizagem, precisa participar das decisões que dizem respeito ao projeto de escola que faz parte também do projeto de sua vida”.

Minha vivência dentro da prática avaliativa inúmeras vezes foi marcada por colocações de professores que diziam não ser possível mudar a prática, porque precisavam desenvolver o conteúdo. Em muitos momentos encontrei professores comprometidos com resultados numéricos precisos, que muitas vezes deixavam de auxiliar o aluno a resolver seus problemas de aprendizagem, impedindo-os de avançar.

O professor diz querer ter compromisso democrático, diz não querer distorcer o processo de avaliação, entretanto, em sua prática não percebe a distância entre sua intenção e sua ação, entre o ideal e o real

(teoria x prática). A escola pode iniciar mudanças e cabe a ela uma tomada de posição quanto ao reproduzir ou transformar o que implicará definição do seu caráter autoritário ou democrático.

A partir das observações do cotidiano, podemos questionar: escola, que espaço é este? É local de formação da cidadania? O que isto quer dizer exatamente? De preparação para o trabalho? Que trabalho? Ou para o vestibular? E prepara? Quem e a que custo? É local de ensinar ou de excluir? Local de aprendizagem ou de ‘aula’, ‘aula’, ‘aula’,...? (VASCONCELLOS, 1998, p.80).

A escola tem uma contribuição no processo de construção do caráter, da consciência e da cidadania; o sujeito deve ser capaz de compreender o mundo em que vive, para poder usufruir dele e sobretudo para poder transformá-lo.

O aluno passa inúmeros anos freqüentando uma escola, desempenhando um ofício que, segundo Perrenoud (1995,p.69),é um “trabalho que não se escolheu e pelo qual não se tem necessariamente nenhum interesse” e que na maioria das vezes não traz ao aluno nenhum prazer. As informações lhe são impostas, a proibição de algum tipo de questionamento ou manifestação impede o estabelecimento de relações significativas com as vivências para além dos muros de escola.

Hoffmann (1993) vem desenvolvendo estudos sobre avaliação, entendida como mediadora, tendo como prioridade descobrir melhores soluções, dentro de um espaço comum do dia-a-dia, sem ritos, programações ou registros formais nos quais a avaliação ocorre.

Avaliação Mediadora pressupõe:

Analisar teoricamente as várias manifestações dos alunos em situação de aprendizagem (verbais ou escritas, outras

produções), para acompanhar as hipóteses que vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminares formuladas. Acompanhamento esse que visa ao acesso gradativo do aluno a um saber competente na escola e portanto sua promoção a outras séries e graus de ensino. (HOFFMANN, 1993, p.95).

O professor em sua prática deve transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o processo de construção de conhecimento dos alunos. Assim, os registros devem responder a perguntas como: O aluno aprendeu? Por que não aprendeu? Quais os encaminhamentos feitos ou por fazer que devem auxiliar na construção do conhecimento?

Na prática dificilmente o professor chama a atenção do aluno para uma resposta interessante e diferente que tenha apresentado na tarefa ou avaliação, fazendo elogios ao invés de críticas.

Nós educadores devemos estar atentos às mudanças, diante da qualidade de conhecimentos novos que o homem acumula, da velocidade com que estas informações são processadas. Não é possível mais, pensar em escolas que somente informam, mas, sim, em escolas que formam agentes de sua própria história.

Veja bem, se você quiser, pode continuar só se lamuriando a respeito dos problemas da Avaliação (e da profissão); motivo para reclamar é o que não falta. Existem hoje muitas justificativas, até científicas, para a gente não fazer nada: é o sistema, a legislação, o salário. A má formação, o número de alunos por sala, os pais, os alunos, os colegas, os superiores, etc., etc. Pode ficar tranqüilo. Ninguém é obrigado a tomar a iniciativa. Ninguém é obrigado a se comprometer com uma educação democrática (VASCONCELOS, 1995, p. 53).

Transformar a realidade é bastante mais complexo do que parece a um olhar mais ingênuo ou voluntarista. Não é qualquer mudança que nos interessa, temos constatado alterações na prática que não superam o problema fundamental da avaliação por não estarem vinculadas a um novo e desafiador projeto educacional e social (teoria x prática). O que está em jogo é a mudança da prática sugerida por uma mudança de concepção que confira ao professor uma autêntica práxis. Vasconcellos diz que ...“Avaliar é ser capaz de acompanhar o processo de construção do conhecimento do educando, para ajudar a superar obstáculos” (1998,p.85).

Se avaliar implica em diagnosticar, o primeiro passo seria coletar dados relevantes que mostrem o estado de aprendizagem do educando ou, dos educandos. Neste aspecto temos que levar em consideração três pontos básicos que são: — os dados relevantes, os instrumentos e a, utilização dos instrumentos, dando atenção a cada um desses pontos. Estes dados caracterizarão o objeto da avaliação. Dados essenciais são aqueles que são definidos por planejamentos de ensino, a partir de uma teoria pedagógica e, que foram traduzidos em práticas educativas nas aulas. O papel do aluno é muito importante na mudança da prática do professor.

III. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1. Contextualizando o Método

Este estudo teve como meta analisar como uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Caçapava do Sul do Sul – RS, direciona no ensinar e aprender a avaliação do educando, estabelecendo limites, normatizando valores e, administrando o entendimento de avaliar e como avaliar.

A partir da vivência direta em sala de aula, como Docente, e com a demanda da escola com relação ao avaliar em virtude do fracasso escolar, surgiu o desejo de investigar a etiologia da avaliação, analisando as concepções e as inibições existentes das funções aplicativas no ensino e na aprendizagem. Assim foi desenvolvida uma pesquisa descritiva qualitativa, por a mesma contemplar descrições de situação, acontecimentos e depoimentos que forneceram uma riqueza maior ao estudo, devido as informações coletadas suscitar opiniões diferentes sobre o assunto.

Para a realização desta pesquisa utilizou-se o estudo de caso constatou-se várias respostas sobre o tema em questão, uma vez que esta metodologia serve para fazer uma análise dentro de um tema amplo, pois para Godd e Hatt, 1968 (apud LUDKE e ANDRÉ, 1994, p.17): “o estudo de caso se destaca por se construir numa unidade dentro de um sistema mais amplo, simples ou específico, complexo ou abstrato, sempre bem

delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo, onde o método proporciona uma relação direta do pesquisador com o ambiente procurando um significado mais profundo na relação, sendo feito um relato descritivo.

Abordou-se o estudo de caso porque pode ser simples, específico ou complexo e abstrato, tendo esta clareza desde o início até o fim e, sendo um método que busca retratar a realidade de forma completa e profunda, que visa a descoberta da mesma. Tendo alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procura manter-se constantemente atento a novos elementos que surgem no decorrer do estudo, sem deixar a função e a explicação sistemática das coisas, através de uma análise descritiva que os caracteriza.

O caso em estudo tem interesse e características individuais e próprias, mesmo que se encontrem outros iguais ou parecidos (similares). Ele se constitui de uma unidade dentro de um sistema mais direcionado às características da Escola estudada, em um trabalho amplo, tendo valor em si mesmo.

3.2. Contextualização da Escola e os Participantes do Estudo

O referido trabalho foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de 1º ao 8º ano, localizada na Zona Periférica da Cidade de Caçapava do Sul – RS. Quanto ao espaço físico, a escola é constituída de salas de aula, cozinha e sanitários suficientes à demanda. A mesma tem como filosofia: “Formar um cidadão crítico, capaz de refletir e expressar suas idéias para melhor integrar-se na sociedade, cuja finalidade é o estabelecimento de princípios — desenvolvendo o educando,

assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo-lhe condições para progredir em estudos posteriores, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”.

A referida Escola está embasada no desenvolvimento adequado da personalidade humana, partindo do conhecimento, onde os conteúdos são trabalhados de maneira concreta, vivenciando-os a partir da realidade dos mesmos. Tendo como base para a Metodologia de Ensino, as teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon e Paulo Freire, na busca do aprender a aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver.

No que se refere à aprendizagem dos educandos, há uma preocupação maior em relação aos critérios aplicados na avaliação, visto ser percebida como processo, e ainda um desafio na práxis pedagógica do educador. Dentro desta realidade a Comunidade Escolar normatiza no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola as diretrizes organizacionais e pedagógicas que sejam o reflexo da vivência do educando, para que o ensino e aprendizagem se torne mais diretamente ligado ao ensinar-aprender na sala de aula. Consideram o tema “Avaliação” parte integrante para a construção da cidadania do aluno, onde ele deva viver cada experiência partilhada, consciente de sua real essência para então transformá-la em atitude participativa, refletindo mudança quanto a interação e integração educacional.

A entrevista teve a duração de mais ou menos trinta (30) dias e, para a organização do tempo foi observada a disponibilidade dos entrevistados, conciliando os horários disponíveis dos mesmos.

3.3. Coleta, Organização e Análise dos Dados

Foram coletados dados sobre a avaliação através da pesquisa numa escola da zona periférica de Caçapava do Sul onde os professores, por meio de entrevistas semi abertas, analisaram a avaliação dessa escola.

Os entrevistados, em número de oito (08) professores docentes, sentiram-se muito à vontade para responder as entrevistas, bem como esclarecer alguns aspectos. Os dados, após serem coletados, foram analisados de acordo com os segmentos que participaram da pesquisa, cognominados por letras do alfabeto. Em forma de tabulação para após analisá-los de maneira discursiva sob a visão dos autores já mencionados na pesquisa.

Após relatos de forma descritiva, enfatizando-se mais o processo do que o produto, preocupando-se com a perspectiva dos participantes, onde todos os elementos pesquisados foram considerados importantes para o resultado do trabalho, engajados no somatório da realidade sobre a avaliação hoje na Escola, procurou-se relacionar o texto à visão dos autores pesquisados.

Nessa análise, após a coleta dos dados, feita a tabulação das respostas, utilizou-se a seleção dos conteúdos procurando verificar cada depoimento do entrevistado, considerando-se que a busca do entrevistador “[...] deve-se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando” (Santos, 1999, p.2).

Neste contexto, a coleta de dados mostrou a realidade e a compreensão que os educadores têm em relação ao tema “Avaliação”, como está o trabalho no ambiente e de que forma a Escola administra a ação avaliativa.

IV. ANÁLISES DOS DADOS COLETADOS

4.1. O Avaliar para os Professores

Nessa perspectiva de identificar e interpretar os valores que permeiam a prática avaliativa dos Professores dos anos finais do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Educação, entrevistou-se professores com tempo de serviço, tempo de função e tempo de trabalho na escola, que varia de três (03) à vinte (20) anos, todos regentes com grau de escolaridade de Magistério, Graduação e Pós-Graduação, que coincidentemente sempre trabalharam na mesma Instituição Educacional.

Na concepção de gestora de sua disciplina, avaliar no geral para eles é o conceito de verificar o desempenho do aluno nos diferentes aspectos, dando realce aos objetivos desenvolvidos pelo professor, tendo esse levantamento de informações (escrito ou verbal), a finalidade de detectar se o que foi ensinado ou transmitido foi realmente aprendido e, com isso o professor tenha condições de fazer uma análise de seu fazer pedagógico, revisando os recursos e técnicas aplicadas ao longo do processo, fazendo, se preciso for, mudanças em torno das metas a que se propôs alcançar e ao que o sistema educacional está a exigir dentro dos objetivos e filosofias da Escola.

Conforme Vasconcellos:

A avaliação, acaba desempenhando, na prática um papel mais político que pedagógico, ou seja, não é usado como recurso metodológico de Reorientação do processo de ensino-aprendizagem, mas, sim como Instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, Como pela escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais (1995, p.34) .

O professor entrevistado “B” considera que a *“avaliação numa perspectiva transformadora, pressupõe a alteração na postura diante dos resultados da avaliação, o professor deve preocupar-se com a aprendizagem, não como a mídia, deve então buscar o aproveitamento mínimo alcançado pelo aluno, dando oportunidade de reconstrução”*. Considera também o entrevistado *“que avaliar é detectar se o aluno realmente aprendeu e consegue aplicar em sua vida o aprendido”*.

Visto que o ato de avaliar é entendido na vida cotidiana, a partir de imediato pensamento e ação, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões, se condiciona o relato do professor “C” como fazer juízo visando uma tomada de decisão onde o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, paixões e ideologias.

Ainda disse o professor entrevistado “A” que...*“Avaliar é verificar se o aluno aprendeu, realizando vários meios para facilitar a compreensão e entendimento dos conteúdos desenvolvidos no correr do ano aplicando testes orais, seminários e apresentações”*.

Ao comentar sobre a ação avaliativa na prática de ensino do professor, os entrevistados relacionaram esse questionamento dentro do

assunto pesquisado como uma função que deve em primeiro lugar levar o professor a reconhecer, de modos diferentes, se o aluno alcançou os objetivos propostos e se está capacitado dentro de seus limites como: o de desenvolver na prática os ensinamentos ministrados, auxiliando o aluno na construção do seu conhecimento, verificando ainda, os estágios de seu desenvolvimento.

Segundo Vasconcellos:

O reconhecimento de que o indivíduo participa da construção do conhecimento de que matéria e mente são aspectos diferentes e inseparáveis de uma mesmo conjunto e de que o indivíduo aprende não apenas pelo uso predominante do raciocínio, mas também através dos sentimentos, das emoções e da intuição (1995, p. 15).

O entrevistado “D” ressaltou que... *“Nas séries iniciais não levo muito em conta as “provas” e sim o que o aluno consegue entender no dia-a-dia. Já nas séries finais, a cobrança pelas provas é intensa e é levada à risca. Os pais são muito apegados a esses instrumentos, assim como professores e equipe diretiva”*.

Nesse contexto no entender dos entrevistados, a função de avaliar, na prática de ensino, são alguns tipos de trabalho, provas, para que o professor possa verificar se o aluno conseguiu assimilar e ter entendido o que lhe foi ensinado e transmitido pelo professor. Caso o resultado não seja satisfatório, reavaliar teorias e fazer aplicações que atendam as individualidades e que sejam voltadas à realidade na escola nova que se vive, usando métodos e práticas para ajudar na transmissão e compreensão dos mesmos.

Quando se falou nos instrumentos de avaliação que hoje são considerados viáveis, na busca de uma aprendizagem que conduza o educando à criatividade, muitas foram as interpretações dos entrevistados, iniciando pelo ato de incentivar, propiciando momentos de pesquisa, diálogos problematizados, debatendo com exposição interativa–dialogada, experimentação, trabalho em grupo, seminários, ou seja, incentivá-los à prática da pergunta, como um direito à dúvida que revela ao professor o percurso percorrido pelo aluno na construção de seu conhecimento.

Ressaltou neste assunto o entrevistado Professor “M” que...”*O Professor deve ser malabarista, capaz de conhecer seus alunos e, através desse conhecimento, aplicar variadas técnicas, sempre tendo em vista que, alunos diferentes necessitam instrumentos diferentes. Assim sendo, os incentivos são vários: exposição, diálogos, material concreto, competições, jogos, interatividades, concursos, passeios...; tornando a aprendizagem significativa e internalizada, assim o aluno terá interesse”.*

Conforme Aranha:

Sujeito é descentrado, porque a razão comunicativa supõe o diálogo, a interação entre os indivíduos mediada pelo discurso, pela linguagem, construída com base na relação entre os sujeitos que são capazes de se posicionarem criticamente diante das normas (apud VASCONCELLOS, 1995, p.75).

Entende o entrevistado Professor “P” que.... *“Esses instrumentos de avaliação devem variar através do lúdico de materiais concretos, para que possam utilizar no seu dia-a-dia, sendo com certeza, um meio prático, agradável e mais descontraído e que despertará no aluno um maior interesse, participação e criatividade.*

Como sabe-se que as idéias centrais da teoria de Vasconcellos, estão nos princípios de que só podem ser válidas normas aceitas por todos os afetados, como participantes de um discurso prático, e de que as conseqüências do cumprimento das normas possam ser aceitas livremente por todos, a avaliação deve ser repensada e reestruturada no Sistema Educacional, tornando-a diferenciada pela individualidade do avaliado e, estabelecidas normas e ações válidas para todos.

Quanto ao aluno participar do processo avaliativo, os entrevistados reconhecem na realidade cotidiana da escola, que o mesmo participa ativamente na busca de entendimento das atividades propostas na hora de realizar o que o professor prepara para testar o grau de conhecimento adquirido no período, para saber se pode continuar a desenvolver os conteúdos mínimos exigidos, pois a avaliação é sempre escrita, onde o mesmo depende somente do está proposto pelo professor.

Disse o Professor entrevistado “M”....”*Procuro diversificar, aplicando vários tipos de avaliação no decorrer do bimestre; não aplicando somente provas , acho importante os alunos aprenderem a trabalhar em grupo e participarem de uma forma homogênea, não deixando que um aluno somente trabalhe, mas orientando-os a trabalharem juntos com a participação e colaboração de todos.*

Vasconcellos comenta que:

Novas idéias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática. Seria importante lembrar que a mudança de mentalidade se dá pela mudança de prática. Se o discurso resolvesse, não teríamos mais problemas com a avaliação, pois qual o Professor que não sabe que a

avaliação é um processo contínuo, que o importante não é a nota, mas sim a aprendizagem(1995,p.23).

A relação estabelecida entre avaliação e metodologia de sala de aula, para alguns professores são semelhantes, são tradicionais e as provas também. Para outros a prova é um “pega-ratão”, para se cobrarem das bagunças de aula, e temos também, aqueles poucos professores que sabem dar oportunidade ao aluno, de construir seu conhecimento e saber aplicar dentro desta realidade.

O entrevistado “A” diferenciou Metodologia e Avaliação como: *“Metodologia é a maneira do professor conduzir e desenvolver os objetivos da disciplina, sendo que a avaliação deve estar sempre baseada na metodologia, pois só se pode colher aquilo que foi semeado, através dos mesmos mecanismos usados no desenvolvimento dos trabalhos”*.

Consideram também os entrevistados que o compromisso do professor em uma metodologia é trabalhar na conscientização da comunidade educativa, fazendo um desafio para que se crie uma nova mentalidade a respeito do processo de avaliação, ou seja, um compromisso importante e a transformação da realidade, estabelecendo um comprometimento com o processo de transformação.

Salienta oportunamente que...”*A avaliação é infelizmente ainda uma forma imposta pela escola, mas acho que cada professor deve utilizar a maneira que acha mais variável e produtiva no aprendizado de seus alunos”*.

Quanto ao aluno opinar ou ter o direito de criticar o resultado da avaliação, os entrevistados foram unânimes em salientar que é permitido ao aluno opinar sobre os resultados pois acham que essa ação oferece ao professor a oportunidade de modificar ou não os métodos avaliativos e os alunos a oportunidade de ficarem atentos aos resultados obtidos.

Argumentando que os alunos podem apurar, mas devem ser esclarecidos e entenderem qual é o sentido de uma avaliação, pois não adianta estudar e não saber ou compreender os conteúdos, o porquê eles devem aprender. O mais importante é que sejam conscientizados de que o aprender é conhecimento e treinamento de registrar o que passa ao redor e, procurar aproveitar os conhecimentos adquiridos, pois esses conhecimentos o acompanharam no decorrer da vida, sendo reconhecido como um processo importantíssimo na construção do aprendizado e com essa conscientização haverá conseqüentemente a mudança educacional para cada educando que tiver a oportunidade de vivenciar essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro das transformações e inovações da educação que buscam uma educação para todos e com qualidade, a avaliação tornou-se parte importante. Fez-se necessário uma análise dos instrumentos avaliativos, de acordo com os professores, pois os instrumentos precisam contemplar os diferentes aspectos do educando, bem como valorizar o crescimento que o aluno alcançou durante o ano letivo.

Vale destacar, que os gestores Educacionais também fazem parte do processo de avaliação, incluindo desde o projeto político pedagógico até o clima emocional da escola, a participação dos pais e comunidade, para facilitar a viabilização e apropriação dos conhecimentos necessários e reflexão sobre a prática

A concepção de avaliação é comumente relacionada à idéia de mensuração de mudanças do comportamento humano. Essa abordagem viabiliza o fortalecimento no aspecto quantitativo. A avaliação do rendimento escolar tem como alvo a classificação do aluno. Necessita ser redirecionada, pois a competência ou incompetência do aluno não resulta apenas da escola ou do professor, e sim de todos aqueles que participam do contexto escolar e social do educando.

A avaliação deve contemplar aspectos qualitativos que são difíceis de serem mensurados pois envolvem a parte subjetiva da aprendizagem, postura, política, crenças e valores. Os instrumentos de avaliação são determinados pelas idéias e modelos da realidade do aluno, obedecendo o que é normatizado pela escola (instituição), delineados no Projeto Político Pedagógico, seguido da maneira de como o professor direciona o fazer pedagógico na classe para que o ensino e a aprendizagem passam a apresentar a qualidade do rendimento do aluno.

O Educando e o educador, necessitam rever, aprender, e não a ser submisso àqueles que são responsáveis por seu processo educativo. Os instrumentos de avaliação determinados pelas escolas não podem se vistos como única opção de avaliação, neste caso ratificam o conceito de "educação bancária", de um lado um ensina o do outro lado um aprende. O ponto chave da educação deve ser o aluno aprender a aprender, saber pensar, ser crítico e analítico. E é dentro dessa perspectiva que a avaliação deve trabalhar, pois, ela é parte de todo processo de ensino e aprendizagem.

Assim como o educador deve ressignificar sua prática pedagógica, revendo a problematização do ensino, o desafio constante de ... “educando e educador devem se educar continuamente” (PAULO FREIRE, 1981,p.28).

Entretanto, o panorama atual da educação e, mais especificamente da Escola, está procurando inovar no avaliar, quando busca verificar o desempenho do aluno em todos os aspectos de formação pessoal e informação cultural aplicada, onde a avaliação pode ser

considerada educativa quando estimula o aluno a descobrir suas deficiências e aptidões, ajudando-o a crescer.

Na prática pedagógica dos professores, inúmeras vezes, torna-se impossível concretizar o discurso. Muitas vezes são os fatores que não permitem que esta compreensão passa efetivamente ser aplicada no cotidiano da sala-e-aula. O que se espera, portanto, é que os educadores sejam sujeitos de transformação, abrindo novas possibilidades na forma de ser da escola. No fundo, o que está em questão é uma mudança de atitude, alguns procedimentos adotados e as atividades elaboradas pelos professores são consideradas inadequadas e, algumas vezes, até desfavoráveis à promoção da aprendizagem. Por isso, tais atividades e procedimentos precisam ser repensados pela escola.

O que se constatou também é, que a escola precisa ajudar e ser ajudada na tarefa difícil de avaliar os alunos, porque sem a quebra do isolamento do trabalho dos professores, sem ajuda de toda a equipe diretiva e sem acreditar na importância do seu trabalho, dificilmente se pode esperar qualquer transformação mais efetiva ou crítica na tarefa a que o contexto educacional necessita. Não basta pretender que o professor acredite que o aluno deva construir e ser sujeito do conhecimento. Há que se considerar que o professor, também, precisa ser reconhecido como sujeito de seu fazer-pedagógico.

Os professores, quando interrogados sobre o que entendem por avaliação, demonstraram compreender seu significado, isto é, ter incorporado o discurso mencionado acima. Sentem-se, porém, insatisfeitos com a avaliação que realizam na escola. Salientam a dificuldade de

transpor para a prática o que lêem nos livros ou ouvem nos cursos. Segundo eles, não há condições de avaliar dessa forma. Os alunos não estudam, não sabem fazer as provas, não entendem os trabalhos, não demonstram força de vontade, muitas vezes não sabem o que fazer com eles. “O discurso é muito bom, mas na prática a coisa não é bem assim. Tem o bimestre, tem a nota, tem o conteúdo [...]”. O professor se preocupa com o processo de ensino e aprendizagem, mas sente dificuldade de mudar a ação avaliativa que está acostumado a fazer. Sente-se perdido, sem saber por onde começar. Não se dispõe a questionar a elaboração dos instrumentos, a sua validade, a comunicação estabelecida entre ele e o aluno através dos enunciados. Não estariam esses elementos contribuindo para o baixo rendimento, a evasão e a repetência do aluno?

Compreendemos, então, que o discurso avança rapidamente, mas a prática caminha lentamente. Esperamos que este estudo contribua, ainda que modestamente, para a aproximação do discurso e da prática dos professores, conduzindo-os à reflexão sobre a comunicação nos instrumentos de avaliação. A contribuição para o aprofundamento sobre o assunto encontra-se nos estudos de Vasconcellos quanto à concepção de avaliação dialético-libertadora (1994) e nos trabalhos de Hoffmann (1991; 1993) sobre a avaliação mediadora, entre outros.

Discutido o conceito de avaliação, passaremos a situá-la no cenário educacional atual. O professor se vê envolvido em situações onde há cobranças, da parte dos pais e de toda sociedade, por uma avaliação que contribua para o crescimento do aluno e esteja voltada ao desenvolvimento do ser humano. Por outro lado, sente-se preso à realidade concreta, como as amarras da nota, a divisão do tempo escolar em bimestres, a

sacramentação do ritual de ensinar, avaliar, atribuir nota e classificar o aluno.

Isto implica a reestruturação interna da escola, na qual o professor não trabalha sozinho, isolado, mas uma equipe discute, analisa e toma decisões em conjunto rumo a uma melhoria da qualidade de ensino. Quanto este planejamento coletivo (Projeto Político Pedagógico) existe, contribui para a construção de uma linha de trabalho comum, em que fiquem definidos os fins e os meios para que os objetivos propostos sejam atingidos.

A avaliação passa ser um momento de reflexão que acende entre professores e alunos, que permitem avaliar e ser avaliados, comprometidos na busca de soluções como agentes do fazer pedagógico.

As escolas continuam atuando de forma acrítica. Percebe-se a existência de uma crise de valores onde os elementos do processo educativo (professor e aluno) não percebem a importância de se refletir, discutir esse assunto de extrema relevância no cotidiano escolar para se tentar mudanças na sua práxis. Este trabalho comprova que a avaliação do rendimento escolar pode ser usada como ferramenta para exclusão institucional e social, uma vez que o próprio sistema não proporciona condições reais de mudança ou mesmo de criticidade nas ações avaliativas.

Portanto, constatou-se, que a avaliação na realidade ainda é relacionada a alguns aspectos currículo, conteúdos e metodologias, não sendo a prática avaliativa percebida de forma processual, onde o educador e o educando são sujeitos ativos da construção do conhecimento, onde a

aprendizagem não proporciona uma construção direta e permanente de conhecimentos. E, é nesse embasamento que se constata que o fracasso escolar destes alunos quando iniciaram na escola, muitas vezes foram devido a uma péssima avaliação, onde continham apenas instrumentos que os medissem por notas e conceitos e não por uma avaliação do seu contexto social. Espera-se que as escolas revejam seus conceitos e filosofias para que com isso consigamos minimizar a exclusão dos alunos da escola e conseqüentemente da nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, Distrito Federal. MEC/SEF, 1998.

_____. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: Ministério da Educação, Volume I, MEC, 1998.

FERREIRA, PAULO Rogério de Paula. *Avaliar: um ato que exige mudança*. Coletânea AMAE: Avaliação – Refletir para mudar. Fundação Amar para o educando. 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUARESCHI, Pedrinho. In Revista Mundo Jovem. Porto Alegre: Vozes, 2000, nº 310.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da Pré – Escola a Universidade*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1998.

LUCKESI. Cipriano Carlos, Artmed. *Avaliar a Aprendizagem*. In Revista Pátio, Ano 3, nº 12. Ano 2000. Porto Alegre.

_____. *O que é mesmo o ato de avaliar ?* Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A.. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MELCHIOR, Maria Celina. *Da avaliação dos saberes à construção de competências*. Porto Alegre: Premier, 2003.

_____. *Avaliação para qualificar a prática docente: espaço para a ação supervisora*. Porto Alegre: Premier, 2001.

MIZUKAMI, M. g. (Org.). *Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: EDUFSCAR, 1986.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Porto, Porto Editora, 1995.

RAMOS, Rafael. *Avaliar conforme um currículo integrado com Temas Transversais*, in, *Revista Pátio*. Ano 3, nº 12, Artmed, Porto Alegre – RS, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Coordenação do trabalho pedagógico: Do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2002.

SAMPAIO, Volney Silva dos. *Avaliação Emancipatória: O desafio e a reformulação do currículo*. São Paulo: Cortez, 2004.

ANEXO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

CARGO FUNCIONAL : _____
 GRAU DE INSTRUÇÃO: _____
 TEMPO DE FUNÇÃO: _____
 TEMPO DE SERVIÇO: _____
 TEMPO DE TRABALHO NA ESCOLA: _____

PREZADO (A) COLEGA !

Estou fazendo uma pesquisa para identificar e interpretar os valores que permeiam a prática avaliativa dos Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola da Rede Municipal de Educação. Estas informações colhidas, servirão de base para a elaboração de minha monografia de especialização e, para isso vou precisar de sua colaboração.

Agradeço a sua compreensão!

1. Na sua concepção de gestora de sua disciplina o que é Avaliar?
2. Qual é a função da avaliação, na sua prática de ensino?
3. Quais os instrumentos da avaliação que achas viável hoje, na busca de uma aprendizagem que conduza o educando à criatividade ?
4. Você elabora o processo avaliativo, com ou sem a participação do aluno ?
5. Que relação se estabelece entre avaliação e metodologia de sala de aula?
7. Você permite ou não que os alunos opinem ou critiquem o resultado da avaliação?

